



- Volkovitch, M. (2000) «Entretien avec Claire Cayron – Traducteurs au Travail». In *Translittérature* nº 21, ATLAS. Disponível em ([www.atlf.org/documents/entretienclairecayron.pdf](http://www.atlf.org/documents/entretienclairecayron.pdf)), consultado em Abril de 2007.  
 - Colomer, Henry, (1994) *Claire Cayron traduit Miguel Torga*, Documentário (filme-vídeo) Paris: La Sept/Vidéo Distrib. Le Seuil (34 minutos - cor).

---

## 27. CARLA GUERREIRO

**CARLA ALEXANDRA FERREIRA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO** é Docente do Departamento de Português da ESEB, Instituto Politécnico de Bragança, desde Dezembro de 1999. Licenciada em Português Inglês (Ensino de) com média de estágio de 16 valores, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, curso que concluiu em 1993/94, é mestra na área da Teoria da Literatura, pela mesma universidade, defendendo em Janeiro de 2003 a Tese: A Mundividência Infantil na Obra de Guerra Junqueiro.

Actualmente encontra-se a desenvolver trabalho de doutoramento na área da Literatura Portuguesa - Literatura para a Infância.

Na ESEB tem sido, de há 8 anos a esta parte, responsável por cadeiras de língua portuguesa e Literatura Infantil e Juvenil dos cursos de Formação Inicial de Educação de Infância e Professores do Ensino Básico. Tem dinamizado vários projectos, em parceria com o Espaço Lúdico-Infantil da ESEB e as Escolas do Ensino pré-Escolar, 1º Ciclo e 2º Ciclo do Distrito de Bragança, na área da leitura. Colaborando com o Plano Nacional de Leitura: Ler Mais.

### A ESCRITA DIARÍSTICA DE MIGUEL TORGA: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O DIÁRIO VI

#### SINOPSE:

Se é verdade que existe um problemática literária do diário íntimo, ela torna-se mais flagrante na época contemporânea, em que o autor, ao escrever o diário, sabe, à partida, que ele vai ser publicado, assumindo a publicidade das suas confidências e mesmo da sua publicação ainda em vida. É o caso do escritor sobre o qual reflectiremos, Miguel Torga.

O diário íntimo é um acto fundamental de afirmação de uma pessoa, ele é destruidor de toda e qualquer ficção, na medida em que destrói a noção de personagem, que se dilui no eu.

A escrita diarística caracteriza-se por uma contenção expressiva próxima da linguagem poética ou aforismo (como é visível no Diário de Torga, em que textos poéticos e em prosa se complementam, contribuindo para a singularidade da obra).

No diário, o tempo é apresentado no seu fluir, a emergir e a sumir-se e não há capítulo final porque todos o são e nenhum o é. Nenhuma imagem é definitiva, apenas reflexo de uma ansiedade que nunca se extingue.

Ao contrário da autobiografia, que é una, o diário é plural e como que é constituído por mil e uma biografias, sempre repetidas e inacabadas.

O volume VI do *Diário* de Torga, obra representativa da sua obra diarística, é escrito num estilo clássico e conciso em que nada é deixado ao acaso, oferecendo uma sensação de unidade acabada. O seu *Diário* é a expressão de uma época e itinerário de um homem português, com os seus tormentos e ilusões, “d’antes quebrar que torcer”.

Torga é um homem empenhado nas realidades do seu tempo, condição de que dá abundantes provas, jamais se escusando a participar plenamente nas realidades social e política que lhe coberam viver. De resto, todas as páginas da sua obra diarística serão testemunho dessa forma de orgulho, que ele quis manter até ao fim.

### A ESCRITA DIARÍSTICA DE MIGUEL TORGA: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O DIÁRIO VI

Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação de Bragança

#### 1 - MIGUEL TORGA E O SEU DIÁRIO

Miguel Torga escreveu poesia, prosa, contos, arriscou uma nomeação para o Nobel, foi vítima de insultos e invejas. Esteve sob fogo cruzado, recebeu muitos prémios, recusou ainda mais



entrevistas...Escreveu mais contos, volumes do seu *Diário* e poemas. Foi preso e libertado. Amado e odiado. Fiel ao seu destino, cumpriu o seu caminho. Ficará para sempre guardado em nós o seu canto de " orfeu rebelde".

Assunção Morais Monteiro considera o *Diário* como o "**caleidoscópio de uma vida**"<sup>103</sup>. Esta palavra transporta toda uma carga semântica e metaforicamente ela aponta para a fragmentação e diversificação de relatos e para a possibilidade de construção de uma realidade interior e exterior ao sujeito, que é facultada pelos próprios textos.<sup>104</sup> A mesma autora acrescentará que o *Diário de Torga* é um inconfundível caleidoscópio revelador de um eu, em que sobressaem, entre outras, três vertentes: do médico, do escritor e do homem, que sendo um inconformado, não se acomodou".<sup>105</sup>

## 2- AS PRINCIPAIS TEMÁTICAS DO *DIÁRIO VI*

Este volume, que contempla o período de **15 de Fevereiro de 1951 a 11 de Maio de 1953**, contém um total de **185** entradas.

Este número de entradas, possuindo cada uma delas uma indicação espaço-temporal concreta, comprovam a opinião de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, quando consideram o diário, "um subgénero muito marcado, do ponto de vista temporal, registo quotidiano de eventos e vivências."<sup>106</sup>

Há **52** entradas constituídas por **textos poéticos** ( 13 de 1951; 26 de 1952 e 13 de 1953)

Existem **3** entradas que constituem **reflexões literárias sobre factos reais** daquela época ( Morte de Gide – 14/2/51; reflexão sobre convite, declinado pelo escritor, para dissertação sobre Da Vinci - 8/11/52-E, finalmente, em 15/12/52, uma meditação sobre a morte de Teixeira de Pascoaes.

Existe um total de **11** entradas sobre **crítica estético-literária**, em que o autor reflecte sobre a criação literária, não só em Portugal, mas também no contexto europeu, demarcando-se claramente de "clãs" literários e tendências estéticas "da moda", num gesto de fidelidade a si próprio e independência de opinião, que constituem dois dos traços mais vinculados da sua personalidade de cidadão e criador.

Relativamente a **episódios e reflexões acontecidas no consultório**, há um total de **12** entradas

Há somente **5** entradas que consistem em textos do escritor para **comunicações sobre literatura/poesia em Congressos ou Encontros**: 2, para o " Journal des Poètes", em 11/3/51 e 16/4/52; 1 para os "Encontros Europeus de Poesia", em 24/7/52 e a entrada de 19/5/52, que corresponde à sua participação escrita no "Recital Europeu de Poesia", em Roma.

A par da poesia, as **viagens** (com os comentários e reflexões a elas associados), ocupam a maior parte do tecido textual do *Diário VI*.

Elas perfazem um total de 22, em 1951, 22, em 1952 e 2, até 2 de Maio de 1953. (Embora tenhamos conhecimento que neste último ano o autor faz uma nova viagem à Grécia, que será causadora de profunda impressão, ela ainda não é abarcada cronologicamente por este volume).

Esta é uma época da vida do autor, marcada pelo signo da viagem e da descoberta, como forma de compensação para a repressão e o cativeiro de que havia sido vítima, dando, assim, largas ao seu espírito livre e aventureiro.

Apesar do clima repressivo vivido durante o Estado Novo, a escrita diarística do autor tem um carácter interventivo e crítico, muitas vezes a tocar o cáustico. Encontram -se neste volume **16** entradas referentes a **reflexões críticas sobre aspectos culturais, sociais, políticos, religiosos**. Estas entradas dizem respeito, não só ao Portugal de então, mas também, em muitos casos, ao próprio velho continente.

Sob a temática da **reflexão pessoal e considerações do autor** sobre aspectos variados, tais como: a criação literária (12 entradas), a inexorável passagem do tempo e suas consequências a nível do mundo natural e humano (5 entradas), a inultrapassável solidão do poeta e a sua condição de "vate" (3 entradas), a sua saúde frágil (2 entradas)...

Além destes registos, outros são referentes a: assimetrias entre os favorecidos e desterrados pela fortuna, a complexa relação entre médico e paciente, a função e relevância da escrita diarística.

É interessante constatar que há uma espécie de pudor ou de defesa da vida íntima familiar, (decorrentes, provavelmente do carácter ântumo do diário e da intencionalidade da sua publicação, por parte



do diarista), havendo apenas **1 entrada, de 17/12/52, referente a um serão, passado na companhia da sua esposa**. O diarista aproveita a situação para de imediato reflectir sobre as diferenças entre homem e mulher, fazendo considerações de ordem geral, que em nada se circunscrevem ao círculo familiar.

É curioso notar a discrepância de entradas, de acordo com o mês em que o diarista faz registos escritos: nenhuma entrada no mês de Janeiro de 1952; 2, no final de Fevereiro e registos muito frequentes nos meses de Junho, Julho e Agosto do mesmo ano.

O carácter descontínuo do *Diário* é uma característica própria deste tipo de escrita, bem como, o seu carácter fragmentário, resultante do facto de se tratar de uma escrita quotidianamente (ou periodicamente) reatada.

A este título, citaremos também as palavras de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes: “O **diário** privilegia a narração intercalada, caracterizada por ser uma enunciação narrativa intermitente, constituída pelas experiências que o dia-a-dia vai proporcionando ao narrador”<sup>107</sup>. Ainda os mesmos autores acrescentam que são “características do **diário** a fragmentação diegética imposta pelo ritmo, em princípio quotidiano dos actos narrativos que constituem o diário e tendência para o confessionalismo, assumido de forma mais ou menos aberta”.<sup>108</sup>

## 2.1 - O RELIGIOSO NO VOLUME VI DO *DIÁRIO*

(...) Entre as características que Miguel de Unamuno, o pensador salamantino, aponta ao homem português, uma das mais constantes é a do desespero religioso(...) “Os portugueses são almas atormentadas pela sede de infinito, pela fome de eternidade”<sup>109</sup>

O estado de crise das crenças religiosas produz uma perturbação emocional e os primeiros a senti-la, porque os mais sensíveis às transformações do pensamento social são os poetas.<sup>110</sup>

O diarista/poeta Miguel Torga é um homem em crise, porque já não tem a crença ingénua da infância e não encontra uma visão filosófica da existência através da qual compreenda racionalmente a vida. (À imagem de Unamuno, seu mestre espiritual)

Miguel Torga oscila entre **crença e razão**, dois **pólos inconciliáveis**, até que, em certos momentos, um desaparece e deixa lugar ao outro.

Segundo o crítico e ensaísta Eduardo Lourenço: “ Deus não é uma palavra morta na poesia de Torga (...) Este homem de expressão voluntariosa e forte vive crucificado numa contradição e nela germina (...) a sua angústia e desespero são os de um homem que escreve deuses e pensa Deus, que escreve Deus e não sabe ao certo se pensa Nada. Mas esse nada o inquieta como se fosse Deus”.<sup>111</sup>

Acima de tudo, o diarista evidencia a sua crença no domínio da inteligência e num Homem que se quer totalmente livre.

Miguel Torga empenha-se na afirmação de uma **imanência humana** que tende mesmo a **pôr em questão** qualquer **transcendência divina**.

Como cronista do intemporal, Torga regista a existência e providência de um ser absoluto, de cuja natureza se sente tanto mais cúmplice, quanto mais inconciliável consigo mesmo. Segundo o diarista, Deus é-nos estranho porque nos nega. Por outro lado, Torga foi incapaz de cair num simplismo agnóstico e de declarar como Nietzsche que “Deus está morto”.

De acordo com Clara Rocha “ Deus, (...) é mais um interlocutor das perplexidades e angústias da criatura revoltada do que um abrigo a que se chega a ovelha desgarrada do rebanho”.<sup>112</sup>

Miguel Torga assume assim uma **visão panteísta do divino**. Não esqueçamos que ele beb e numa fonte cultural greco-latina e para o homem grego, o divino é interior ao universo.

Parafraseando, a este propósito, a escritora Clara Crabbé Rocha:

“Torga diviniza o ser humano e assume-se como aquele que é capaz de reproduzir a vida no papel e de a levar junto de outros humanos que com ele se identifiquem. Surge assim o *Diário* como local de escrita onde, por excelência se consagra a dualidade do eu: simultaneamente sujeito /objecto de narração e entidade demiúrgica num e noutra papel”.<sup>113</sup>



Segundo Torga, a religião clerical massifica, enquanto o pensamento pessoal individualiza e liberta.

## 2.2- A ARTE DA ESCRITA EM TORGA: POESIA E PROSA

Torga oferece-nos no seu *Diário* inúmeros exemplos do modo pessoalíssimo como tem entendido, vivido e realizado a poesia: como protesto, como dádiva, como transfiguração, como justificação da existência e da inerente rebeldia<sup>114</sup>, assumindo-se ele próprio, não raras vezes, como um “Orfeu Rebelde”.<sup>115</sup>

A poesia torguiana é essencialmente a busca de fidelidade no terrestre, a busca de alianças com o terrestre e a busca de inteireza do homem no terrestre.

A nível da diarística, e mais particularmente neste volume, cada poema se concentra numa certa imagem e é acompanhado de um ritmo muito próprio que confere o visualismo de cada uma das imagens.

A maior parte das imagens poéticas está ligada à revelação de um **mundo agrário e pastoril**, que surge como denominador comum a toda a obra torguiana.

Existem vários **leitmotive** condutores da poesia de Torga: a terra, a pobreza do solo, o enigma do mar, o espírito liberto, “por ascese”, o esforço da criação poética, ou a luta contra a repressão.

De resto, o imaginário de Torga identifica-se com a realidade da Ibéria, sua contemporânea.

Segundo a opinião do estudioso de Torga, Jesus Herrero, Adolfo Rocha é um homem que se acomoda facilmente ao social, através de uma profissão respeitável, mas mantém livre e puro o fundo insubornável da sua pessoa, exprimindo-se pela vocação poética.

Torga usa a poesia como forma de evasão do seu viver quotidiano, rotineiro e limitado, que a profissão de médico lhe impõe. A poesia é para ele uma atitude vital e comprometida, a mais importante do seu viver.<sup>116</sup>

O poeta admite a condição dramática do destino humano e, em muitos dos poemas, encara a criação poética como forma de combate deste destino.

Em **21 de Fevereiro de 1951** escreve: “O que fez da Poesia um dos picos imaculados da cultura europeia e (...) um factor decisivo da consciência universal, foi o seu Heroísmo e a sua fidelidade a tudo o que é eterno.(...) É necessário que ela seja a mais pura expressão dos mais puros anseios de todos e cada um. É preciso que abrace(...) o Homem (...) que as religiões salvaram para o céu e que a poesia deve salvar para a Terra. Porque só a beleza nos arranca à solidão e nos une na mesma comunhão fraternal”.<sup>117</sup>

Também nas páginas 17 a 20 e 37 a 40 do volume VI do *Diário*, Miguel Torga concebe a arte poética como instrumento de união universal, que os grandes artistas desde sempre utilizaram como forma de libertar o homem da fatalidade do seu destino de “bicho da terra” e de harmonizar o universo.

É da obstinação sem tréguas que a poesia exige que nasce o obstinado rigor do poema”.<sup>118</sup>

Por isso, a poesia de Torga atrai tanto os seus leitores porque lhes oferece o que eles desejam: as suas dores; as suas preocupações; amores e desamores e os seus próprios sentimentos quotidianos, sem descurar a correcção formal e o equilíbrio literário, com que os transmite.<sup>119</sup>

## 2.3- TORGA: O HOMEM E A TERRA

A ligação do autor com as forças telúricas é uma constante em toda a sua obra e o vol. VI do *Diário* não constitui excepção.<sup>120</sup> Para o diarista, a terra é uma grandeza ao mesmo tempo física e moral.

A pureza e maravilha do mundo residem na terra, que é a origem e o fim de tudo. Assim, Torga dá particular relevo àqueles cuja aliança com ela é mais profunda e mais intrínseca: o povo das aldeias. É com os mais humildes que o escritor melhor se entende e é com eles que explicitamente se identifica.

Em Torga o amor da Terra e do povo reanima-se através da viagem, permitindo-lhe estreitar o contacto com as “pedras” e as gentes, não só de Portugal, como também da Espanha, de que este volume do *Diário* nos dá vários testemunhos.

Há que fazer, desde logo, uma distinção entre terra como natureza, (**fonte matricial de vida**) e **pátria cívica**.



Para Miguel Torga viajar não se limita a uma simples viagem turística, mas é sim uma convivência íntima com tudo o que pertence à terra. Veja-se, a título de exemplo, o seguinte excerto de 24 de Fevereiro de 1951:

**"Andar, correr sempre. Mesmo para não encontrar coisa nenhuma, não ter uma sugestão sequer. Mudar apenas de sítio, como um arbusto que em cada transplantação tem pelo menos uma aventura física".**

Para Torga o conhecimento da terra no seu sentido material é condição indispensável para se ser pertencente a uma nação. Daí que tenha imposto a si mesmo percorrer todo o corpo físico da nação portuguesa, de que este *Diário* nos dá largos exemplos (**Póvoa de Varzim, S. Martinho d'Anta, Montesinho, Quintanilha, Tua, Panóias, Sº Martinho de Mouros, Campos de Coimbra, Lisboa, Arrábida, Gerês, Mira...** Para dar alguns poucos exemplos, sem entrar no domínio das viagens ao país vizinho.

Percorrer a terra é para o diarista sinónimo de íntima convivência com todas as coisas de qualquer lugar. **E relativamente à terra pátria?**

No dizer de Jesus Herrero, ele: "Canta a pátria como recordação, como gesta, como heroísmo (...) A sua pátria espiritual não tem fronteiras, é a pátria peninsular, larga e luminosa, a Ibéria".<sup>121</sup>

Ainda no dizer deste estudioso de Torga, ele **"evidencia um sentimento de irmandade com o país vizinho e simultaneamente a insegurança e imitação do reverso desse amor"**.

O iberismo de Torga é dialéctico, tal como o foi a história da península.

Porém, maior que a alegria que o poeta tem de pertencer à terra peninsular, é a satisfação de sentir uma comunhão total com a terra e o mar portugueses.

Quem lê o Diário, percorre Portugal de lés a lés em toda a sua complexidade telúrica, humana, histórica e cultural.

Em harmonia com a simplicidade da natureza que tanto ama, a escrita de Torga é uma oposição constante ao retorismo, apresentando como coordenadas a economia dos meios e a concentração em certas palavras, como se elas fossem o resumo do mundo.

#### **2.4 - - O ESPÍRITO CRÍTICO NO DIÁRIO VI DE TORGA (A CRÍTICA SÓCIO-POLÍTICA, CULTURAL E LITERÁRIA)**

Miguel Torga sempre foi um homem pleno, independente de tendências político-ideológicas ou "clãs" literários.

Foi em virtude da sua isenção e humanismo que conheceu a perseguição e mesmo a prisão ( em 1937, durante o regime salazarista), que esteve impedido de sair do país, que viu alguns dos seus livros pela proibidos pela censura ou apreendidos pela polícia política .

Sempre se bateu com grande coerência, pela edificação de um Portugal mais digno, defendendo, com sentido que lhe é inato a liberdade e as raízes seculares do nosso povo.

Em várias entradas deste volume, o diarista marca o seu distanciamento face ao homem português da época e aos escritores considerados, por excelência, a plêiade literária, digna de elogio.

O escritor assume uma atitude de " franco-atirador", independente de jugos religiosos, sociais, literários e políticos, fazendo uso de uma linguagem possuidora de inteligente ironia.

Torga mantém-se à parte de associações literárias e sempre fiel às suas próprias convicções e ao percurso pessoal que delineou desde o início da sua "vocação literária".

**À imagem de outros volumes, também este revela uma preocupação constante com assuntos, tais como: a hipocrisia da sociedade, a tirania, a falta de liberdade, a violação dos direitos do homem...**

De um modo particularmente relevante, o *Diário* funciona como o seu refúgio e encontramos nas suas páginas, não só muito de si próprio, mas também do Portugal seu contemporâneo e de várias facetas da humanidade em geral. Atente-se a este título no poema "Memorando", presente neste volume do seu *Diário*.



A escrita, mais concretamente a diarística, foi a forma possível que o engenho de Torga encontrou para tornar a perseguição política que lhe era movida pela repressão do estado novo, da qual já havia sido vítima.

Concluiremos esta reflexão com as palavras de um poeta também ele conhecido pela sua verticalidade ( Sá de Miranda ), que sintetizam a essência da personalidade de Torga :“ Homem de um só querer, um só rosto e uma só fé,/d’antes quebrar que torcer.../outra cousa pode ser,/mas da corte, homem não é”

## 2.5- MIGUEL TORGA: O EU E O OUTRO

Segundo Mariana Ploae Hanganu, " ser escritor significa para Miguel Torga ter e cumprir uma missão de verdade, (...) " e o seu" humanismo reflecte-se na obra do escritor português no sentido de limitar a realidade apenas ao homem e à sua grande aventura cósmica, sem que as dúvidas que o percorrem tenham a consistência (...) duma agonia pessoal".<sup>122</sup>

Miguel Torga cultiva o absoluto da fidelidade do homem a si próprio: **absoluto da amizade perfeita e do amor para sempre, o absoluto da justiça numa sociedade fraterna.**

Ele tem, porém, consciência que o absoluto deve permanecer como pura aspiração porque a felicidade do homem está no relativo e, portanto na contradição, na luta, numa “esperança desesperada”. É esta condição dual que encontramos no seu Diário.

No *Diário* o **eu** do narrador é primordial e relega para segundo plano os **outros**, porque esta é uma marca fundamental da própria dinâmica da escrita diarística. Isto é, o relato em primeira pessoa, no qual são relatadas experiências e factos ocorridos, assumindo o narrador (autodiegético), uma posição de frontalidade face ao que conta.

A especialista em Torga, Assunção Morais Monteiro, enfatiza este aspecto, quando afirma: "o diário pessoal é sempre uma forma muito pessoal de trazer para o consciente as expectativas, sonhos, frustrações, alegrias, tristezas ou determinados factos marcantes do dia-a-dia, evidenciando a propensão do sujeito para o confessionalismo e uma certa atitude narcísica."<sup>123</sup>

Em Miguel Torga coexistem o médico e o poeta. Não é difícil, através da leitura do *Diário*, apercebermo-nos que a sua vocação é, definitivamente a segunda.

Afirma Jesus Herrero que "para o pensador Ortega y Gasset, ao contrário da profissão, a vocação coincide com o eu".<sup>124</sup>

A profissão é, muitas vezes, um instrumento de adaptação social e, indubitavelmente, a profissão de médico é das mais bem acolhidas pela sociedade.

No caso de Torga, embora, por vezes, profissão e vocação não sejam coincidentes, na maior parte dos casos há o que Herrero designa por “pacto de não agressão”<sup>125</sup>, ou até uma **secreta aliança**.

Nas circunstâncias referidas, a profissão não funciona como um sofrimento, mas como um prazer renovado.

A profissão é por ele vivida de tal modo intensamente, havendo uma preocupação e interesse tão grandes pelo **outro (o que sofre)**, que ele vive cada dia no consultório como uma estreia profissional.

Por vezes chega a sentir-se mal, por ter que fingir respostas que de algum modo tranquilizem o paciente, sobre as quais não tem a mínima certeza. (É afinal, mais uma vez a manifestação do seu acentuado humanismo!)

Existe uma permanente preocupação com o seu semelhante, ao qual irmana a mesma condição de sofrimento humano.

Esta aprendizagem do outro e o espírito de solidariedade perante a dor e sofrimento humanos, fazem com que **Torga como médico seja um homem capaz de ouvir as confissões dos outros**, ao contrário de ele próprio, que, por temperamento, deixa que o **Diário** seja o **único confessor**.



Torga é um escritor essencialmente afectivo, o que **o leva a dividir com o receptor anónimo do Diário: os seus sentimentos e necessidades** mais íntimos, **numa atitude de partilha fraternal** como se os estivesse a contar a um conhecido de longa data.

### 3. REFLEXÃO FINAL

O fenómeno que subjaz à escrita diarística é de exprimir e recriar a diferença entre o escritor, como sujeito e como referência, permitindo a fuga ao anonimato e à eterna interrogação individual, que reside no íntimo de todo e cada ser humano.

O *Diário VI* de Torga é um lugar pessoalíssimo, de ligação entre o vivido e o imaginado. Ele é o horizonte biográfico e, por isso, o ponto onde tudo conflui e se interliga.

Não é por acaso que actualmente se publicam imensos textos que se inspiram no Diário ou dele se avizinham, contando com uma vasta audiência.

Baseados nas palavras de outro grande escritor, também ele diarista, Vergílio Ferreira -, podemos dizer que a escrita diarística de Torga serve para criar um espaço habitável da sua necessidade e para extravasar o que o oprime. Escreve, porque o erro e a injustiça não devem ter razão.

Torga escreve para tornar possível a realidade, os lugares, tempos e pessoas que esperam que a sua escrita os desperte do seu modo indefinido de serem. E para evocar e fixar o percurso que realizou, as terras, as gentes e tudo o que viveu.

Torga escreve para tornar visível o mistério das coisas. Escreve para ser. Escreve, sem razão.

A propósito do *Diário* de Torga e particularmente do volume VI terminaremos com o pensamento lapidar de Miguel de Unamuno:

**“Aqui vos deixo a minh’alma-livro,  
homem - , mundo verdadeiro.  
Quando vibra todo inteiro,  
És tu leitor que nele vibras”<sup>126</sup>**

### 4. BIBLIOGRAFIA:

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner Andresen (1967), "Arte Poética-II", *Geografia*, Lisboa, texto Editora.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1967), "Torga - Os homens e a Terra", *in Informação Cultural, Boletim da Secretaria de Estado da Cultura*, Lisboa.
- Boletim Cultural (VI série, nº 6 -Março), 1986, coordenado por Natalina Oliveira do Carmo, Lisboa,
- COELHO, Jacinto do Prado (1976), *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Livraria Bertrand.
- DIDIER, Béatrice(1976), *Le Journal Intime*, Paris, PUF.
- DUMAS, Catherine (1994), "Diário Íntimo e Ficção", *in Colóquio Letras*, nº131, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FERREIRA, David Mourão (1979) *Lâmpadas no Escuro*, " Poética e Poesia no Diário de Torga" Lisboa, Editora Arcádia.
- FERREIRA, Vergílio, *Pensar*, s./d., Lisboa, Bertrand Editora.
- MONTEIRO, Assunção Morais (1995), *A Génese do Conto no Diário de Miguel Torga*, Vila Real, UTAD.
- GONÇALVES, Fernão de Magalhães(s./d.), *Ser e Ler Torga*, Lisboa, Editora Vega,
- HERRERO, Jesus , *Miguel Torga , poeta ibérico* (1979), Livraria Arcádia, Lisboa.
- LOURENÇO, Eduardo (1974), "O Desespero Humanista de Torga e das Novas Gerações", *in Tempo e Poesia*, Porto, Editora Inova.
- MATHIAS, Marcello Duarte (1997), " Autobiografias e Diários", *Colóquio Letras*, nº143/44,Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MONTEIRO, Assunção Morais (1998)., "Autenticidade e Autoficção no *Diário* de Miguel Torga", *in Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Tomo II, Coordenação de T. F. Earle, Coimbra.
- PLOAE-HANGANU, Mariana (1993), " Miguel Torga - Cântico do Homem e da Terra", *in Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Hamburgo, edição da Universidade de Hamburgo, coordenada por m. Fátima Viegas Brauer-Figueiredo.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina (1998), *Dicionário de Narratologia*, 6ª edição, Coimbra, Livraria Almedina.
- ROCHA, Clara Crabbé (1992)., *MÁSCARAS DE NARCISO, ESTUDOS SOBRE A LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA EM PORTUGAL*, Coimbra, Almedina.
- TORGA, Miguel (1978), *Diário VI*, Coimbra, Coimbra Editora.